

Ajudar a ler “em ciências sociais”¹

BEATRIZ AISENBERG

Para muitos alunos costuma ser difícil ler textos de ciências sociais, até mesmo quando são escritos especialmente para eles — sejam manuais escolares ou “dissertações” infantis; em outras palavras, a leitura de textos de ciências sociais apresenta-lhes dificuldades específicas. Em uma pesquisa que estamos realizando na Universidade de Buenos Aires procuramos explicar por que essas dificuldades surgem e tentamos também caracterizar condições de ensino para ajudar os alunos a superá-las.

POR QUE É DIFÍCIL LER “EM CIÊNCIAS SOCIAIS”?

Os trabalhos realizados até agora nos levaram a considerar três aspectos que se unem à explicação das dificuldades dos alunos em suas leituras: primeiro, o pouco conhecimento que geralmente aqueles que estão nas primeiras séries do Ensino Fundamental têm sobre os temas dos textos de ciências sociais; em segundo lugar, as características dos textos dos manuais escolares e, por último, o tipo de leitura que habitualmente realizamos nas aulas desta área específica. A seguir, esboçamos algumas ideias referentes a esses aspectos.

Na tradição escolar — e também em algumas propostas inovadoras nas ciências sociais nos últimos tempos — está muito presente a ideia de que ler é extrair informação dos textos. Ou seja, é como se os textos fossem vistos tais quais “reservatórios” de informação e que a tarefa do leitor seria relativamente passiva e simples: limitar-se a encontrar essa informação dada no texto do mesmo modo para qualquer leitor. Partindo dessa ideia, o trabalho intelectual interessante para a aprendizagem de história ou de geografia — como explicar, relacionar, inferir etc. — viria depois da leitura, a partir da suposta informação já extraída. É por isso que grande parte dos exercícios escolares com os textos promove basicamente a localização e a reprodução de informação para depois trabalhar com ela. Com essa perspectiva, não entendemos por que as crianças têm dificuldades para ler.

1. Artigo publicado em *Quehacer Educativo* n. 83. Publicação da Federação Uruguaia de Magistério — Trabalhadores da Educação Primária, Montevideu, Uruguai, p. 24-27, jun. 2007. ISSN 1510-0367. Este trabalho é o resultado de uma pesquisa em andamento sobre o ensino e a aprendizagem da leitura em contextos de estudo: Projeto da Secretaria de Ciência e Técnica da Universidade de Buenos Aires (Ubacyt F180/2004-07), codirigido por Delia Lerner e Beatriz Aisenberg. Também participam do grupo que pesquisa a leitura em história: Mirta Torres, Karina Benchimol, Alina Larramendy, Antonio Carabajal e Patricia Bavaresco.

Nas aulas de ciências sociais observamos que muitas vezes os alunos localizam a informação solicitada e conseguem copiá-la (por exemplo, respondendo “corretamente” às perguntas de um questionário); no entanto, não compreendem o que escreveram ou o entendem de uma maneira bem diferente daquela que nós, leitores adultos, “vemos” nos textos. Isso acontece porque ler é muito mais do que localizar informação. As pesquisas psicolinguísticas mostraram que a leitura é um processo ativo de construção de significados, processo que exige um trabalho intelectual complexo de elaboração de hipóteses, estabelecimento de inferências e de relações. Ler um texto de história, como diz François Audigier, é “entrar no mundo do texto”, isto é, reconstruir as experiências, motivações, causas e conseqüências das quais fala o texto. Esse trabalho de reconstrução é o que nos permite aprender história por meio da leitura.

Porém o que cada leitor consegue reconstruir na leitura, isso sim depende de seus conhecimentos prévios sobre o tema do texto; é por isso que diferentes leitores lendo o mesmo texto podem realizar interpretações bem distintas. E aqui encontramos um dos fatores que indicam por que os alunos têm dificuldades para ler textos de ciências sociais: muitas vezes não têm o conhecimento mínimo indispensável para dar sentido a um texto ou a algumas de suas ideias. Embora leiamos para saber, também é preciso saber para poder ler.

A falta de conhecimento sobre o tema do texto se une a um segundo fator fundamental, relativo aos textos. Quando estes são resumos sucintos de um tema — como acontece com muitos textos de manuais escolares —, oferecem poucos elementos para que os alunos reconstruam o mundo ao qual ele se refere. Um texto mais longo, que seja mais rico na descrição de situações sociais e em tornar claras as explicações e as relações, pode ser mais simples de entender do que uma rápida síntese.

Por último, é importante ter presente que a forma como propomos que os textos sejam lidos nas aulas de ciências sociais contribui para que os alunos construam determinada concepção sobre a leitura. Se no trabalho com os textos privilegiamos principalmente a localização e a reprodução de informação, estamos ensinando que ler se limita a isso; então, sem percebermos, criamos uma ideia sobre a leitura que deixa de fora seu desafio principal. Essa ideia pode se tornar um obstáculo para ler: tanto em entrevistas sobre leitura como em aulas de história observadas na pesquisa descobrimos, com frequência, que os alunos pensam que ler é fácil, que apenas uma leitura é suficiente, até mesmo quando estão lendo textos que quase não compreendem.

ALUNOS LENDO TEXTOS DE HISTÓRIA

Incluímos um pequeno fragmento de uma entrevista de leitura com a intenção de deixar clara a ideia de que a leitura supõe um trabalho de reconstrução “do mundo do texto” em função dos conhecimentos prévios do leitor. Em uma entrevista pedimos a Belén, uma aluna de onze anos que está no sexto ano, que leia o texto “Os vencidos”² sobre o porquê da catástrofe demográfica na América a partir da con-

2. Luchilo, Lucas. *La Argentina antes de la Argentina*. Buenos Aires: Altea, p. 20-21, 2002.

quista espanhola. Após desenvolver diversos fatores, o texto termina fazendo referência às doenças da seguinte maneira:

No entanto, a causa mais importante da brusca queda demográfica foi a propagação de doenças trazidas pelos espanhóis, diante das quais os nativos não possuíam defesas biológicas. A febre amarela, a varíola, a malária, o sarampo, o tifo e a gripe devastaram a população nativa da América.

Quando Belén termina de ler todo o texto em silêncio, acontece o seguinte diálogo:

Entrevistadora: *Você pode me contar do que se trata?*

Belén: *É sobre a invasão europeia e todos os nativos, como os matavam [...]. Contava sobre as razões pelas quais eles morriam... Algumas eram por causa das doenças. [...] por causa das doenças, que não possuíam defesas, eles morriam...*

Entrevistadora: *Por que eles não possuíam defesas?*

Belén: *Porque as doenças eram dos espanhóis e transmitiram a eles... [o tom da voz parece mostrar certa indignação].*

Entrevistadora: *E por que essas doenças transmitidas pelos espanhóis poderiam causar a morte deles?*

Belén: *Porque não sabiam como se defender, não sabiam os remédios ou coisas que deviam tomar, ou seja, para sobreviver às doenças. [Os nativos] Não sabiam o que eles [os espanhóis] tomavam para conseguir sobreviver a essas doenças.*

[...]

Entrevistadora: *O que significa que não sabiam como se defender?*

Belén [para um pouco e relê em silêncio]: *Não sabiam o que eles tomavam para conseguir sobreviver a essas doenças, não sabiam o que faziam.*

[...]

A entrevistadora relê em voz alta o parágrafo sobre as doenças e em seguida pergunta: *O que você imagina que significa dizer que “não possuíam defesas biológicas”?*

Belén: *Isso não... por isso. Existem algumas palavras que eu não sei o que significam aí nesse...*

Entrevistadora: *Não tem importância. O que você entende, o que você acha?*

Belén: *Que... o mesmo de antes, não sabiam como evitá-las, não sabiam como tirá-las do corpo. Eu acho isso, mas não sei o que significa “biológicas” aqui neste texto.*

Vemos que Belén se envolve como sujeito na reconstrução do tema do texto: parece indignada com os espanhóis por terem transmitido doenças aos nativos. Além disso, e assim como outros alunos, Belén interpreta que não possuir defesas para as doenças significa não ter remédios; esse é o significado que consegue dar à ideia do texto em função de seus conhecimentos prévios. Belén não considera em sua interpretação a palavra “biológicas” incluída no texto, pois não consegue encontrar nela um sentido que seja compatível com a representação que está construindo. Nesse caso, a distorção na leitura — isto é, entender que o texto inclui a ideia de

que os nativos morriam porque não tinham remédios — surge pela falta de um conhecimento que não é especificamente histórico (mas que é necessário para compreender esse texto de história).

Em outros casos os alunos realizam interpretações peculiares de textos de história que parecem estar diretamente ligadas à sua concepção sobre o que é a história ou sobre o tempo na história. Assim, em diversas situações de classe e de entrevista, vemos que muitos alunos têm dificuldades para reconhecer idas e vindas temporais ou referências à atualidade em um texto de história: leem como se o texto de história avançasse linearmente do mais antigo ao mais moderno, como se concordassem com o pressuposto de que “se está antes no texto, então aconteceu antes”.

AJUDAR A LER

Para impulsionar na escola a leitura para aprender ciências sociais é preciso que nas aulas o texto deixe de ser um simples meio para resolver outra tarefa, como responder às perguntas de um questionário. Teríamos de criar espaços em que a tarefa principal seja ler, para ajudar os alunos a “entrar no mundo do texto”. Nesses espaços, tanto os alunos como o docente teriam uma participação intensa. Os alunos, interpretando os textos e expressando o que eles entendem, o que o texto lhes diz. A partir das interpretações que eles vão fazendo tem início uma sólida intervenção docente, por um lado promovendo interações entre os alunos e releituras que ajudem a conseguir interpretações mais ajustadas dos textos e, por outro, oferecendo toda a informação necessária que não está no texto e que é indispensável para compreendê-lo. Quando escutamos as interpretações dos alunos é mais fácil reconhecer qual é a informação e a ajuda que eles necessitam para avançar na compreensão de um texto e na aprendizagem de ciências sociais por meio da leitura.

Esse tipo de trabalho de “leitura aberta” promove, por um lado, um primeiro contato dos alunos com o texto, porque eles têm o direito de começar interpretando aquilo que mais entendem e da maneira que conseguem. O que se espera deles é que interpretem o texto e digam qual a mensagem que ele lhes transmite. A tarefa é ler, e não procurar uma resposta esperada pelo docente. Por outro lado, e ao mesmo tempo, começa-se a gerar um campo de ação compartilhado sobre a temática do texto a partir da qual é mais provável que os alunos compreendam o sentido das perguntas mais precisas que costumamos fazer, que tendem a centrar os alunos nas ideias de um texto que consideramos mais relevantes para o tema que estamos ensinando. Isto é, começaríamos com um trabalho de interpretação aberta que iríamos fechando progressivamente: as perguntas específicas (indispensáveis no ensino de ciências sociais) não seriam, então, um ponto de partida para a leitura, mas um ponto de chegada.

Quando trabalhamos com essa modalidade de leitura aberta é comum que os alunos elaborem questões e suposições a respeito do mundo do qual fala o texto, e isso é

muito bom para propor outras modalidades de leitura. Por exemplo, ao lerem no quarto ano um texto sobre como os guaranis cultivavam a terra e no qual se menciona os chefes de família e o chefe da aldeia, os alunos perguntam: “*Quem poderia ser chefe?*”, “*O que faziam?*” etc. e também elaboram suposições como “*seria o mais velho*” ou “*o mais sábio*”. Essas perguntas e suposições podem ser utilizadas como ponto de partida para a abordagem de um texto sobre a organização social e política dos guaranis, no qual os alunos buscam conhecimentos específicos.

Às vezes entendemos que formar leitores autônomos significa deixar que os alunos leiam sozinhos. Ao contrário, para iniciá-los em uma formação progressiva como leitores autônomos em ciências sociais é preciso um intenso acompanhamento dos docentes. Como diz Delia Lerner, a autonomia na leitura é uma construção que exige condições didáticas específicas que a impulsionem. Temos de iniciar esse processo oferecendo-lhes muita ajuda para que eles leiam textos de ciências sociais e para que, paulatinamente, aprendam a fazê-lo por conta própria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AISENBERG, B. La lectura en la enseñanza de la Historia: las consignas del docente y el trabajo intelectual de los alumnos. *Lectura y Vida*, Revista Latinoamericana de Lectura, Buenos Aires, ano 26, n. 3, p. 22-31, set. 2005.

_____. Los textos, los alumnos y la enseñanza de la historia en la Escuela Primaria: la comprensión de los vaivenes temporales. *Enseñanza de las Ciencias Sociales. Revista de Investigación*, Institut de Ciències de l' Educació de la Universitat Autònoma de Barcelona — Institut de Ciències de l' Educació de la Universitat de Barcelona, n. 7, p. 37-45, mar. 2008.

_____; LERNER, D. Escribir para aprender historia. *Lectura y Vida*, Revista Latinoamericana de lectura, Buenos Aires, ano 29, n. 3, p. 24-43, set. 2008. ISSN 0325-8637

AISENBERG, B. et al. Hacia la explicación de un hecho histórico. El papel de la lectura en clase. Palestra apresentada no Primeiro Congresso Internacional de Didáticas Específicas: “Debates sobre las relaciones entre las didácticas específicas y la producción de materiales curriculares”; C.E.D.E., Escola de Humanidades. Universidad Nacional de San Martín; 18, 19 e 20 de junho de 2008. Palestra publicada em CD do Congresso, 2008, ISBN 878-987-23259-6-1.

BENCHIMOL, K.; CARABAJAL, A.; LARRAMENDY, A. La lectura de textos históricos en la escuela. *Lectura y Vida*. Revista Latinoamericana de Lectura, Buenos Aires, ano 29, n. 1, mar. 2008.

TORRES, Mirta. Leer para aprender historia: el lugar del texto en la reconstrucción de un contenido. *Lectura y Vida*, Revista Latinoamericana de Lectura, Buenos Aires, ano 29, n. 4, p. 20-29, 2008.

_____. et al. *Algunas reflexiones sobre los aportes de la lectura compartida en clase para el acercamiento de los alumnos a la comprensión de los textos de Historia*. CD do 2º Congresso de Didáctica das Ciências Sociais, ISFD nº 16, Polo de Desenvolvimento, Necochea, Província de Buenos Aires, 2005.